RESENHA BIBLIOGRÁFICA (*)

GAGÉ (Jean). — *La chute des Tarquins et les débuts de la république romaine*. Paris, Payot, 1976. 265 pp.

A crítica histórica desde há um século, aproximadamente, vem analisando as narrativas "analísticas" referentes ao período abrangendo os 30 anos que marcaram o início da República romana, a respeito dos episódios através dos quais Roma passou da fase monárquica, dos reis etruscos para o governo republicano e consular. Nesta obra, resultado de 25 anos de pesquisa e reflexão contínuas, Jean Gagé recusa-se a endossar as idéias recebidas e propõe para esta época novo enfoque crítico, recolocando várias questões.

O Autor coloca em questão o valor dos dados biográficos fornecidos pela analística para personagens como um Spurius Cassius ou um Coriolano. Considera que a idéia segundo a qual as grandes "gentes" dos séculos mais recentes haviam povoado os antigos anais com heróis criados, verdadeiras antecipações de algumas figuras reais, apresenta resultados medíocres quando procura explicar, por exemplo, o campeão plebeu que foi Spurius Cassius ou o trânsfuga que deve ter sido Coriolano. Após uma longa crítica dos primeiros Fastos, conclui que é necessário reconhecer, ao menos quanto ao essencial, a sua autenticidade. Ele contraria autores como André Piganiol que em sua obra *História de Roma* (Buenos Aires, Eudeba, 1976, pp. 80-81) afirma:

> "O estudo dos acontecimentos do século V relatados pelos antigos prova que amiúde se trata de repetições de acontecimentos muito mais recentes; até pode acontecer que os próprios analistas se inspiraram algumas vezes em acontecimentos da história grega ou ainda da história siciliana ou latina". Prossegue Piganiol: "É comprovado que a lista dos epônimos foi fixada somente em fins do século IV; os modernos atribuem essa redação ao edil Flávio (304). Pode-se comprovar, com efeito, que todos os grandes personagens que viveram nos tempos de Flávio conseguiram atribuir-se antepassados ilustres: Junius Brutus, cônsul em 317/315; 313/311; 311/309 e censor em 306/305, converteu-se no primeiro cônsul de Roma; ..... Valério, personagem importante, cônsul em 355/1, 353/349, 352/348 e 348/4, é provavelmente o modelo de Valério Publícola, cônsul em 508; ...".

(*). — Solicitamos dos Srs. Autores e Editores a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica. (*Nota da Redação*).

A presente obra é composta de oito capítulos. O primeiro analisa a política dos Tarquínios no Capitólio: a eliminação dos rituais sabinos do ciclo "petroniano" e a introdução dos *libri Sibyllini*. O ponto de vista defendido pelo Autor é que Tarquínio *Superbus* a partir de seu novo Capitólio procurava eliminar influências políticas e religiosas dos sabinos.

Rituais "petronianos" haviam se instalado em Roma sobretudo no antigo Capitólio. São eles que Tarquínio encontrou e substituiu em sua grande construção do Capitólio; os grupos sabinos tendiam a considerá-los como quase nacionais. A política de Tarquínio-o-Soberbo no Lácio e seu desejo de excluir toda nova infiltração sabina coadunam-se, como pensa o Autor, com a escolha religiosa que fez: os novos livros "sibilinos", principalmente gregos, substituiriam os antigos rituais.

No capítulo II o Autor estuda o fato de que a Revolução que em fins do século VI a.C. derrubou a monarquia como forma de governo, instalando em seu lugar uma magistratura republicana, não se originou de uma revolta urbana, de uma crise desenvolvida no interior da cidade de Roma, mobilizando elementos populares. Todas as narrativas concordam que o movimento irrompeu fora de Roma, entrando na Urbs a partir dos campos do Latium.

Há incerteza quanto à data deste evento. A fixação dos cálculos da analística em 509 a.C. é uma convenção aceitável para o Autor, o qual não concorda com a posição de outros autores, que fazem baixar de várias dezenas de anos a data deste fato ou fazem distinção entre a data da queda do monarca Tarquínio-o-Soberbo, e a data do final do regime etrusco, por ele representado em dado momento.

Estuda ainda as funções de um Lucretius e de um Brutus sob a tirania etrusca, e qual o valor das versões em que a tradição mostra, surpreendentemente, as anteriores ligações de tais personagens com o regime por eles derrubado.

O capítulo III refere-se a Poplicola, colocando a questão: seria ele colega de Brutus no consulado ou o *magister populi* do Campo de Marte? Inicia-se pelo estudo das formas primitivas de adestramento da juventude militar. Diz Gagé:

> "Não forçaremos a historicidade positiva de toda a vida de Poplicola, mas estudaremos mais de perto suas funções e, comparando sobretudo com os papéis atribuídos a Brutus, procuraremos medir a participação, representada por sua pessoa, de instituições "pré-políticas", na fundação da República".

A revolução republicana, provocada a partir dos campos do Latium e da fortaleza de Collatia, havia encontrado às portas de Roma uma autoridade específica já constituída: um chefe responsável pelo recrutamento e treinamento da juventude mobilizável, um *magister populi*. Valerius Poplicola é, sem dúvida, menos que um cônsul regular, mas muito mais do que uma figura lendária.

Segundo o Autor, seu título legal era o de *magister populi,* o chefe mais influente junto aos jovens da IUVENTUS não especializados nas organizações eqüestres e, sem seu apoio, Brutus e o clã dissidente dirigido pelos Lucretii não teriam facilmente abatido a "tirania".

No capítulo IV é feita uma reflexão mais profunda sobre a política de Tarquínio-o-Soberbo em relação à plebe urbana, baseando-se na interrelação que as narrativas deixam entrever — sem admitir diretamente — entre o financiamento das obras do Capitólio e os meios de subsistência da plebe. Estes trabalhadores plebeus inicialmente residiam em Roma? Esta população teria permanecido na cidade após a queda do tirano? Estuda ainda a existência de devotos ou protegidos de Vulcano e de colégios sob a denominação de Mercúrio; existiam, entre os primeiros, verdadeiros *fabri* e verdadeiros *mercatores* entre os últimos. Inclui-se neste capítulo uma discussão sobre os *debitores*: em quais circunstâncias e sob qual forma essas dívidas puderam ser contraídas por homens do povo?

A figura de Spurius Cassius Vecelinus e as reivindicações agrárias da plebe romana no início do século V a.C. formam o capítulo V. Nele é investigada a origem de Spurius Cassius e os comandos militares de tipo popular nas tradições do Latium. Conclui o Autor considerando Spurius Cassius como o representante de uma categoria popular em via de desaparecimento no Latium.

Gagé apresenta no capítulo VI o conflito entre o aristocrata-guerreiro que é Coriolano e a "plebe frumentária" de Roma; não considera que o episódio seja uma antecipação arbitrária de usos bem posteriores, talvez uma elaboração retrospectiva da época dos Gracos. Coriolano contesta a uma plebe estabelecida ou refugiada em Roma o direito sobre o trigo colhido em terras por ele conquistadas ou defendidas.

Discordando de críticos modernos, Jean Gagé aceita a autenticidade das distribuições frumentárias em Roma nesta época por ele estudada. A importância do culto de Ceres seria função da necessidade que a jovem República experimentava em alimentar convenientemente a população da Urbs e o *exercitus* em campanha, ou seja, em ligar a si populações rurais do vizinho Latium.

A maioria dos plebeus de Roma, nesta geração, seriam homens da Cidade, sem dúvida desempregados depois da partida dos Tarquínios e da suspensão dos grandes trabalhos edilitários. Admite que os movimentos de reorganização das cidades latinas, após a "batalha do lago Régilo" tiveram por resultado o desenraizamento de uma parte dos camponeses de algumas regiões do Latium; a política dos patrícios na Roma republicana e particularmente os princípios usados na repartição das tribos talvez tenham contribuído para fazer cair nesta plebe grupos outrora estabelecidos em atividades ligadas à terra.

O papel desempenhado pelo clã patrício dos Fábios com seus "clientes" e o primeiro ciclo das guerras com Veios é focalizado no capítulo VII. No período

de 507-482 ocorrem lutas dos romanos com os povos vizinhos; as sedições da plebe dependiam das condições dessas campanhas militares.

O nome dos Fabii fixa-se nos Fastos em seguida ao oferecimento que os mesmos fizeram ser aceito pelo Senado de se incumbirem sozinhos, eles e seus clientes, da pesada tarefa da *bellum Veins*. O Autor relaciona dois acontecimentos: no interior a eliminação de Spurius Cassius e no exterior a reabertura da frente da guerra etrusca além-Tibre. Apresenta ainda observações sobre as conseqüências indiretas da criação das tribus rústicas em 495 a.C., entre elas o enquadramento dos plebeus como "clientes" dos chefes patrícios.

Considerações sobre problemas econômicos como os *thesauri* metálicos do Capitólio e conflitos sobre o regulamento das multas (*multae*) encerram a obra, a qual é completada por um *Index Nominum et Rerum Notabllium*, por "Vocábulos relativos às mais antigas instituições sociais e religiosas", e por um mapa de Roma e do Latium.

MARIA LUIZA CORASSIN

* *
*

GUTHRIE (W. K. C.). — *Les Sophistes*. Tradução do inglês por J. P. Cottereau. Paris. Payot, 1976, 347 pp.

No início do capítulo XI — *Les Hommes*, onde apresenta um resumo biográfico dos principais componentes humanos da sofística (Protágoras, Górgias, Pródicos, Hípias, Antifon, Trasímaco, Críticas, Antístenes, Alcidamas e Licofron) — o autor nos apresenta o princípio ordenador de sua obra:

> "Au cours des chapitres précédents, de nombreuses positions des Sophistes et de leurs contemporains ont été presentées dans une discussion sur les principaux problèmes d'intérét philosophique du Ve. siècle. La priorité donnée a cette discussion sur la prise en consideration de chaque penseur en particulier...".

Dessa forma, o capítulo II — *Questions d'actualité* — é dedicado aos fatores históricos promotores da sofística: a vitória grega sobre os bárbaros e o progresso técnico-material fizeram com que os atenienses tomassem consciência da sua potencialidade, e, ao realizá-la, imediatamente metamorfosearam-na em imperialismo; por outro lado, a própria evolução da democracia ateniense (a ampliação do quadro de participação política e a remessa da direção política à atuação oratória) instaurou a necessidade prática da pedagogia sofística.

Já o capítulo III. — *Qu'est-ce qu'un sophiste?* — é orientado no sentido de delimitar o objeto mesmo da obra: o que são os sofistas, quais seus métodos pedagógicos, quais os temas principais por eles abordados, e finalmente como os focalizam Platão e Aristóteles.

A partir do capítulo IV — *L'antithèse "Nomos" — "Physis" en morale et en politique* — atingimos o núcleo da obra: após apresentar a antítese em si, Guthrie procura nos capítulos seguintes mostrar como ela orientou e polarizou o desenvolvimento do pensamento grego da 2a. metade do século V e inícios do IV nos seus diversos espaços de realização: o social (capítulo V — *La Convention Sociale*), o político e o antropológico (capítulo VI — *L'egalité*), o ético (capítulo VII — *La relativité des valeurs et ses effets sur l'éthique*), o intelectual (capítulo VIII — *Rhetorique et Philosophie*) e o religioso (capítulo IX — *Les Theories Rationalistes de la Religion: L'agnosticisme et l'atheisme*).

A tese central de Guthrie localiza-se, assim, no tratamento da antítese *nomos/physis,* e aqui enfatizaremos a nossa análise.

O tratamento da gênese da antítese parece-nos um tanto quanto difuso, esguio mesmo: o relacionamento histórico entre as teorias físicas evolucionistas e as teorias da origem convencional do nomos é visto como a transferência do relativismo na concepção do cosmos e da corrosão do pensamento religioso para o campo ético; paralelamente, a ambiência intelectual promovida pela colonização (a intensidade diversidade política, étnica, cultural) promoveu a substituição do absolutismo (instaurado sobretudo através do pensamento religioso) pelo relativismo como categoria de compreensão e explicação da realidade. Considerando que para o autor a antítese *nomos/physis* é o núcleo mesmo da sofística, a difusão a que nos referimos acima se pantenteia se nos lembrarmos dos fatores geradores desta última: às páginas 25 e seguintes, após alertar para a insuficiência da colonização como causa promotora da sofística, Guthrie enfatiza as suas relações com a democracia ateniense:

> "Les transformations sociales et politiques jouèrent aussi un rôle; c'est le cas en particulier de la naissance de la dèmocratie à Athènes".

Nesses termos a vinculação — gênese da sofística/democracia — é mais explícita na análise de W. Jaeger (1): ao tratar da concepção do nomos em *Protágoras,* coloca:

> "Com isto, exprime simplesmente o ideal do Estado jurídico do seu tempo. Teríamos conhecido o parentesco da sua pedagogia com o Estado ático, mesmo que ele não tivesse feito expressa referência às condições de Atenas e afirmado que é nesta concepção do Homem que o estado ateniense e a sua constituição se fundamentam".

Dado esse relacionamento íntimo, a análise da gênese da antítese remete para a análise da gênese da própria democracia ateniense.

---

(1). — JAEGER (W.). — *Paidea,* trad. de A. M. Parreira, São Paulo, Herder, s/d., 1343 pp.

Segundo Guthrie, o pensamento grego, perante tal antítese, pode ser ordenado segundo um esquema tríplice: os partidários do nomos, os partidários da *physis*, e a postura neutra-realista.

Entre os defensores do *nomos* contra a *physis* cabe destacar Protágoras: o *nomos*, embora não inscrito na natureza, é a instância pedagógica máxima promotora do progresso (entendido como o movimento de afastamento da animalidade) da polis.

A postura neutra-realista é definida por Guthrie por:

> "... une attitude qui se résume à un realisme pratique oú encore à une manière de voir les choses telles qu'elles sont, qui, sans porter jugement, déclare que les plus forts prendront toujours l'avantage sur les plus faibles et que accordera le titre de loi et de justice à tout ce qu'ils pourront instituer dans leur propre interêt".

Representantes centrais dessa postura o autor os deteta em Tucídedes (sobretudo no diálogo entre os atenienses e os habitantes de Melos), e em Trasímaco (na República de Platão). A neutralidade de ambos, entretanto, pode ser contestada se observarmos que o pressuposto de Guthrie ao detetá-la em Tucídedes é o considerar a obra deste (e, especificamente, o diálogo acima) como o reflexo objetivo do contexto histórico retratado. Sem dúvida é um tal retrato, porém, o é através de Tucídides. Quanto a Trasímaco, a neutralidade é tanto mais estranha quanto a sua posição é bastante próxima da de Cálicles (enquadrado por Guthrie dentre os partidários da *physis* contra o *nomos*), embora formalmente opostas (a passagem da proposição de Trasímaco à de Cálicles pode ser feita simplesmente por uma transposição do critério de delimitação do grupo mais forte: interno à política em Trasímaco — o grupo no poder é o grupo mais forte — externo em Cálicles — a *physis* pré-determina o grupo mais forte).

Muito mais do que duas posturas separadas, o "realismo-neutralista" e o "partidarismo da *physis*" estão antes correlacionados. Parece-nos também que o espaço onde se realiza tal correlação é o da crise da democracia ateniense, e mais especificamente o processo de rearticulação do pensamento oligárquico no último quartel do século V.

Embora tal movimento não seja uniforme e homogêneo (democracia radical, oligarquia moderada e oligarquia radical), as indicações de tal correlação são várias: o enquadramento sócio-político de Cálicles — a teoria do direito natural — (o relacionamento com Andros, um dos 400 tiranos de 411), as dúvidas quanto à identidade de Antifon o sofista e Antifon o orador oligárquico, a dicotomia lei escrita (*nomos*)/lei não escrita (*nómima, thesmós, leis ancestrais*) e sua relação com o programa político da oligarquia moderada.

Em síntese, a brilhante exposição do tema em si por Guthrie parece-nos ter ficado prejudicada pela perda do correlacionamento dele (tema) com o desenvolvimento do processo político ateniense (a instauração e a crise da democracia ateniense), perda acarretada, acreditamos, pela postura ordenadora de Guthrie

FRANCISCO MURARI PIRES

* *
*

GUINSBURG (J.). — *Guia Histórico da Literatura Hebraica* (Do Período Pós-Bíblico à Criação do Estado de Israel). São Paulo, Perspectiva, 1977. 137 págs.

A presente obra destina-se, como seu autor afirma, a "oferecer um panorama histórico da literatura hebraica", tarefa extremamente complexa pela sua especificidade e riqueza e ao mesmo tempo necessária. Trata-se portanto de um estudo descritivo como se pode deduzir do próprio nome "Guia Histórico", orientado por uma idéia motriz "a continuidade na dispersão" idéia alentada pelo *Galut,* o Exílio, como elemento básico e determinante nas letras hebraicas.

É dividida em oito capítulos, dos quais os dois primeiros podem ser considerados como introdução. Neles o autor justifica a sua obra e estabelece o conceito de periodização da literatura hebraica segundo critérios histórico-cronológicos, histórico-geográficos e histórico-literários, dada a multilocalização geográfica e a complexidade cultural da vida judaica, sobretudo na Diáspora.

Os capítulos seguintes dedicam-se aos seis períodos em que se divide a Literatura hebraica, estudando em cada um deles os condicionamentos históricos, sua reperecussão nas manifestações literárias e as figuras mais representativas.

O *Período Pós-Bíblico* até a *Mischna,* abrange e compreende a literatura apócrifa e apocalíptica. Centra-se no predomínio religioso e o destaque principal corresponde aos rabis fariseus. O autor inclui nesta etapa os escritos da seita de Kumran e considera também, que neste *habitat* cultural se originam os escritos proto-cristãos com as suas parábolas e sermões midráschicos.

No *Período Talmúdico,* dos séculos II ao IV, recolhe-se a tradição oral ou não codificada. *Mischná* e *Talmud* dão origem a um vasto complexo literário de características fundamentalmente legislativas, de codificação e de caráter coletivo, "acumulando nas interpretações, preceituações e figurações — dos sábios — os elementos de *halahá,* lei, e de *agadá,* lenda, relato". O *Talmud* de Jerusalem, o *Jeruschalmi,* e o *Talmud* de Babilônia, o *Bavli,* aparecem como os expoentes principais da época.

O *Período gaônico,* dos séculos VI ao IX vincula-se aos *gaonim,* tendo como principais centros as escolas de Sura (Saadia ben Josef) e Jerusalem (Aaraão ben Meir); e se manifesta amplamente através da literatura de *Responsa* que comunica as diferentes comunidades judaicas entre si, e difunde sua influência

sobre matéria jurídico-religiosa, consuetudinária, questões práticas, etc. Aparece nesta época a influência árabe, iniciando-se "a indagação crítico-sistemática dos princípios da fé judica e com ela, a filosofia ou pelo menos a teologia judaica".

O *Período Ibérico,* representa uma verdadeira idade de ouro para a criação literária judaica, representada segundo palavras do autor por "uma rica efusão cultural que abrangeu os principais domínios da época "filosofia, teologia, poesia, filologia, ciências médicas, matemática, astronomia, exegese bíblica e talmúdica, crônica histórica encontraram representantes excepcionais". O conceito de sionismo teológico, encontra sua expressão de forma poética e lírica através de Jehudá ha-Leví, considerado o maior poeta da Idade Média. E da criação literário-poética passa-se para o trabalho filosófico-intelectual, onde se encontram duas correntes bem definidas. Uma de natureza lógica e racional cujo zenit é representado por Maimônides, seja pela sua envergadura filosófica e analítica, ou pela sua originalidade criadora. E a outra corrente, de natureza especulativa e mística, que abriu um amplo estudo à cabalística, primeiro representada por Abuláfia, e que culmina no *Zefer ha-Zohar,* livro do esplendor, que se tornou o terceiro "livro" judaico, ao lado da Bíblia e do Talmud.

As perseguições e expulsões da Península Ibérica deslocam o centro cultural sefardita para a Itália, determinando assim uma nova etapa que o autor engloba no *Período Italiano*. Assinala neste momento a incorporação de elementos renascentistas abrindo-se a literatura a novos gêneros, como o drama, a filologia e a literatura histórica. Procura-se também a união ou a síntese de cabalismo e maimonismo. Por outro lado "os tormentos e as sublimações coletivas encarnam-se nas buscas místicas e messiânicas que se desencadeiam nos principais centros do judaismo", colocando como exemplo a escola de Safer com as suas repercusões em toda a Europa e que nos países eslavos levará ao movimento hassídico.

O último capítulo é dedicado à *Literatura Hebraica Moderna,* cuja renovação se situa na época da Ilustração, na *Hascalá,* destacando o papel de Berlim primeiro, e de Viena depois nesta renovação, que tira a comunidade étnico-religiosa do *gueto* sem perder "o espírito do judaismo" que passou a assumir feições concretas e específicas através do históricismo e do idealismo romântico hegueliano. Para Guinsburg, Graetz na sua monumental obra *História dos Judeus desde os tempos Antigos até o presente* vem a ser o remate literário e historiográfico de todo esse labor científico e renovador.

Indica a Galícia como centro onde se forma e toma corpo o pensamento nacional judeu na acepção moderna em torno da figura de Krochmal e com a formação de uma história judaica potencialmente "nacionalista" difundida pelo círculo de *maskilim,* tendo nele sua origem e responsável pela evolução da função religiosa e ética, ao novo conceito de Israel que envolve "afora a religião e a ética outros fatores da vida espiritual e intelectual e inclui, a seu modo, con-

dições sócio-políticas e materiais, sendo por isso mais amplo e abstrato que o religioso" e capaz de relacionar a todos os judeus por "um princípio nacional" preparando o terreno no qual a geração seguinte desenvolveria o romance hebreu moderno.

Na fase racionalista do movimento, os iluministas judeus derivam dos padrões bíblicos apenas uma estilização alegórico-poética, passando a captar da velha fonte espiritual a vivência lírica de um passado nacional. Tendência esta, que se acentua com o romanticismo. O Realismo, manifesta-se na luta contra o conservantismo social e a ortodoxia religiosa, fazendo dessa luta bandeira de propaganda reformista.

Os *pogroms* tzaristas de finais do século XIX sepultam muitas ilusões da ilustração, mas dão origem a um novo *Risorgimento* nacional judaico na corrente *Hibat Tzion,* amor a Sion, superando a *Hascalá* e antecipando os princípios do sionismo espiritual e a batalha pela readoção do hebraico como língua falada". Seria este, para o autor, o verdadeiro marco da modernidade judaica, que passou a assimilar com intensidade o acervo literário ocidental e renovar os critérios de valor estético. É assim que o Modernismo, o Naturalismo, o Impressionismo, o Simbolismo e outras correntes literárias encontram seus representantes entre os hebreus.

A experiência trágica do nazismo que contribuiu para acentuar a conciência trágica sobre o destino do povo e do indivíduo judeu, está perfeitamente expressa por Tchernikhovski, que junto com Bialik, se constituem os mestres da renovação poética, assimilando de maneira orgânica as tendências artísticas e literárias russas e ocidentais.

Por outro lado, acentua-se o policentrismo da cultura hebraica, com o crescimento qualitativo de *Eretz Israel,* a desintegração do hebraismo russo e centro-europeu, e a criatividade hebraica nos Estados Unidos.

O autor fecha o capítulo sobre a literatura moderna com o item de Israel, como ponto de chegada e como centro de gravidade para onde a literatura hebraica se desloca desde o início do século XIX, devido "a constante que norteou por quase dois milênios a literatura hebraica e ao processo histórico-social do judaismo moderno, que concentrou nas correntes do sionismo as possibilidades de uma subsistência específica, senão religiosa, pelo menos cultural e nacional". É no Retorno que o hebraismo volta aos poucos à condição de instrumento de comunicação cotidiana, isto é, de língua falada, integrando as peculiaridades dos diferentes grupos que constituem e enriquecem o centro Israel.

Não se trata, pois, de um trabalho nem de uma síntese elaborada e completa da literatura hebraica. A estrutura da obra como guia não deixa dúvida a esse respeito. O autor conferiu ao trabalho um caráter esquematico que nos oferece uma série de pontos de referência no tempo e no espaço para a compreensão das letras hebraicas, e suas motivações principais. Contudo, esse aspecto esquemático manifesta-se principalmente nos sete primeiros capítulos, sin-

tetizados em 67 páginas, ao passo que o oitavo capítulo ocupa as 67 restantes. No seu conjunto, a obra oferece um valor prático para aquele que queira se aproximar da literatura hebraica, justamente pelo seu caráter de introdução e sua função de guia.

MARIA GUADALUPE PEDRERO

* *
*

FALBEL (Nachman). — *Heresias Medievais*. São Paulo. Editora Perspectiva. Coleção Kronos, nº 9, 1977, 117 pp.

Depois da exaustiva e analítica pesquisa que culminou com a brilhante defesa de tese de doutoramento sob o título: *A Luta dos Espirituais e Sua Contribuição para a Reformulação da Teoria tradicional Acerca do Poder Papal,* ficaram os estudiosos aguardando, ansiosamente, que o Prof. Nachman Falbel atendesse aos pedidos e publicasse uma obra que embora não abordasse o assunto no seu todo, o que seria por demais dificultoso ou mesmo impossível como um trabalho sintético, refletisse as premissas chaves e a essência original contida no mesmo.

Como resultante dessa preocupação surge a obra intitulada *Heresias Medievais* Embora resumida, a obra apresenta uma riqueza de dados e detalhes e lança luz sobre as mais importantes heresias da Baixa Idade Média, o que a torna instrumento imprescindível para aqueles que se dedicam ao assunto ou aos interessados em História Medieval em geral.

O autor afirma que:

"Os séculos XII e XIII poderiam ser chamados de séculos heréticos, caso pudéssemos olhar a história de uma época ou período sob um único prisma, ou seja, o da história da Igreja Ocidental" (p. 13).

É exatamente com esse período que o livro se preocupa. Pois o que caracteriza essas heresias da Baixa Idade Média é: "o seu cunho popular assentado sobre uma nova visão ética da instituição eclesiástica e do Cristianismo como religião vigente na sociedade ocidental".

Como já afirmamos e o próprio autor, primando pelo zelo esclarece no livro, não foi a intenção do trabalho tratar de todas as heresias dos séculos XII e XIII. O objetivo foi o de "selecionar as heresias que tiveram maior repercussão no seio da Igreja e causaram maior impacto entre os homens da época, quer sob o aspecto do número de seus adeptos, quer pela força de penetração de sua concepção ou doutrina" (p. 22).

Para atender a essa proposição o trabalho apresenta todo um aparato cientificamente elaborado com ampla gama de fontes. A obra prima pela

clareza na exposição dos assuntos e segue uma cuidadosa organização metódica, o que a torna de fácil assimilação e de agradável leitura.

A obra se inicia por uma cronologia abarcando datas, nomes e fatos de maior relevância do período a ser tratado. Assim, de imediato, o leitor tem uma visão global e abrangente do conteúdo do estudo. Segue, da página 13 a 24, uma elaborada introdução, onde o autor, em rápidas pinceladas, descreve as idéias principais contidas na obra, e de passagem faz referências a detalhes que poderiam servir de tema a outros estudos. Traz uma descrição retrospectiva do caráter pouco tolerante da Igreja em relação aos teóricos que faziam especulações em torno dos princípios dos dogmas cristãos, bem como das medidas adotadas para combater "tal mal" que multiplicava-se ao ponto de ameaçar os alicerces da própria sociedade pois "a natureza da, sociedade feudal cristã conduzia à visão da heresia como quebra da ordem divina e social alicerçada sobre a *fides*" (p. 15). Assim "à medida que aumentava o número de heresias e a sua influência, procurava-se aperfeiçoar os instrumentos para combatê-las" (p. 15) e "é possível explicar a crueldade das perseguições aos heréticos pelo fato da heresia ser considerada o maior dos delitos...".

O Prof. Falbel chama a atenção do leitor para o fato de que "não podemos desligar o fenômeno do surgimento das heresias nestes séculos de seu contexto histórico amplo, ou seja, o renascimento comercial e urbano a partir do século XII, cada vez mais intenso, após um longo período de recesso e estagnação, que se estendeu até o século XI" (p. 18). "É curioso observar que grande parte das heresias tem fundamento urbano e se manifestou entre os homens que habitavam a urbe... Por outro lado, podemos considerar como fator decisivo... no desenvolvimento das heresias o impulso cultural e espiritual motivado pelo chamado Renascimento do século XII...." (p. 19).

Segue uma descrição de Amaury de Bène e seu pensamento, de David de Dinant, da heresia dos Stedinger e outros.

Encerrando a parte introdutória o autor enumera os temas abarcados na suna obra provendo mais uma vez o seu zelo metodológico:

"Começaremos por examinar as heresias de Pedro de Bruys e do monge Henrique, no século XII, para, em seguida, descrever as difundidas heresias dos albigenses, dos valdenses e dos pseudo-apóstolos. Dedicamos um capítulo especial a Joaquim de Fiore pela importância e repercussão que teve em seu tempo e nas heresias posteriores, em particular nas heresias ligadas a grupos franciscanos tais como a dos beguinos e dos *fraticelli*. Por fim, trataremos, nos últimos capítulos, das heresias franciscanas que tiveram certa ligação com os grupos espirituais daquela Ordem" (p. 24).

Em seguida passamos ao núcleo da obra. Esta é dividida em duas partes de 7 ítens e 3 capítulos respectivamente.

A 1a. parte tem como título: *Os Fatos* e abrange 72 páginas (da pág. 25 à 96). Divide-se em:

1. — Pedro de Bruys, o Monge Henrique de Lausanne e outras heresias do século XII.
2. — Os albigenses ou cátaros.
3. — Os valdenses.
4. — Os pseudo-apóstolos ou apóstolos de Cristo.
5. — Joaquim de Fiore.
6. — Os beguinos.
7. — Conclusões.

A 2a. parte tem como título: *Elementos do Dossiê* e *Outros Problemas* e os seus 3 capítulos são:

1. — O estado atual da questão e uma avaliação bibliográfica sobre o tema das heresias medievais.
2. — Documentos e Testemunhos.
3. — Apêndice I.

Nesta parte o autor faz uma cuidadosa seleção e cita as obras mais representativas para o estudo do assunto proposto, tanto de estudiosos do século passado como contemporâneos. Diz ele:

"As heresias medievais mereceram a atenção de estudiosos do século passado e algumas de suas obras que trataram do assunto ainda que de modo geral, continuam sendo clássicos que devem ser constantemente consultados... (p. 98) ... Entre os estudiosos contemporâneos acentuou-se cada vez mais a tendência de elaborar investigações mais específicas ou de pesquisar de um modo particular certa heresia,... é impossível enumerarmos os trabalhos de alto teor científico que foram publicados nas últimas décadas... É importante, porém, mencionarmos alguns trabalhos que expressam algumas das tendências modernas na historiografia ligada às heresias dos séculos XII e XIII, e que se salientam como estudos de conjuntos ou sínteses..." (p. 99).

Quanto ao capítulo dedicado aos Documentos e Testemunhos tornam-se desnecessários maiores explicações. Este eleva ainda mais o teor científico da referida obra, aprofundando alguns pontos de capital importância, como: as causas do surgimento da heresia, o combate aos pseudo-apóstolos e outros.

Finalmente, da página 108 a 115 temos um apêndice que trata dos diversos nomes dados aos heréticos dualistas na Europa, conforme Runciman e a seguir uma lista bibliográfica fazendo referência a cada um dos capítulos do trabalho "permitindo ao estudioso interessado em alguma das heresias mencionadas ter uma orientação para uma investigação própria" (p. 101).

Não poderíamos terminar de resenhar esta obra sem aludirmos à sua aprimorada apresentação gráfica, fator muitas vezes negligenciado.

Com tudo o já foi exposto ficamos a dever ao Prof. Nachman Falbel um livro de leitura obrigatória.

FRIDA FLAKSBERG

* *
*

WOLFF (Egon e Frieda). — *Sepulturas de Israelitas*. Centro Brasileiro de Estudos Judaicos da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1976.

A presente obra é resultante de levantamento e pesquisa efetuados no Cemitério de São Francisco Xavier, localizado no Rio de Janeiro. Faz parte de um projeto e de uma preocupação de caráter mais amplo: o da consecução de uma História das Comunidades Israelitas no Brasil. Neste sentido, se constitui num estudo de fundamental importância, como ressalta o Prof. Dr. Nachman Falbel ao apresentar o livro:

> "A grande importância da lápide como fonte epigráfica para o estudo da história foi reconhecida há muito pelos estudiosos e hoje sabemos o quanto uma *matzeivá* (lápide) pode ser reveladora para o pesquisador de modo que impossível é escrever-se a história dos judeus no Brasil sem a levarmos em consideração".

O âmago do trabalho ora em pauta é a reprodução de 1.077 inscrições coletadas entre as sepulturas judaicas do Cemitério de São Francisco Xavier. Esta necrópole estabelecida em 1840 pela Administração da Santa Casa de Misericórdia recebeu seu nome definitivo em 1851, quando da fundação do cemitério público. Todas as sepulturas relacionadas pelo casal Wolff, a exceção de duas, encontram-se na quadra destinada aos protestantes, instituida em 1855, como explicam os autores:

> "Considerou-se protestante qualquer acatólico. A religião do falecido não constou na certidão de óbito.... A judeus como tais foi vedado o enterro... (pág. 12".

Este estudo está embasado também em outras fontes de pesquisa, tais como os arquivos de instituições judaicas, que foram de grande auxílio no esclarecimento de "casos duvidosos" de sepulturas do século passado, uma vez que:

> "Nem todas as tumbas de israelitas apresentam identificações seguras" (pág. 12).

O livro apresenta ainda uma relação dos lugares de nascimento que constam nas lápides:

> "... observando a ortografia original, como também o país independentemente das mudanças causadas pelas guerras européias deste e do último século" (pág. 16).

Finalizando o levantamento, há uma lista de pessoas enterradas no período Imperial, cujos túmulos não foram localizados e que foi obtida através de jornais da época, e um índice onomástico englobando todos os nomes dos indivíduos que constam da obra. Tais aspectos se constituem sem sombra de dúvida em valiosa contribuição à história da imigração judaica para o Brasil.

O intuito desta pesquisa não é o de relatar biografias. Outro livro, *Judeus no Brasil Imperial,* dos mesmos autores, retrata as atividades de muitos viajantes, comerciantes e de personalidades de destaque. É importante lembrar que centenas de judeus enterrados neste século viveram e atuaram no Brasil Imperial. Novo trabalho, ainda em fase de preparo, virá complementá-lo. Trata-se de *Judeus nos Primórdios do Brasil República.*

Egon e Frieda Wolff são membros fundadores do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro e vem realizando um trabalho sistemático de levantamentos de cemitérios. O de São Francisco Xavier abarca fundamentalmente o período de 1855 à 1956, data em que se deu a criação do Cemitério Comunal Israelita.

Esta obra publicada graças a cooperação do *Memorial Foundation For Jewish Culture,* vem preencher uma lacuna e adquire especial conotação na medida em que não se trata de um estudo isolado e sim de mais um passo sistemático e sério, no longo e árduo caminho a ser percorrido na formulação de uma história judaica brasileira.

LIA REGINA BERGMANN

* *
*

SANTHIAGO (Theo) (Org.). — *Descolonização*. Trad. Antônio Monteiro Guimarães Filho, Theo Santhiago e José Fernandes Dias. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977, 200 pp.

A nova conjuntura de luta anti-colonial, marcada pelo término da Guerra do Vietnã, pela emancipação das colônias portuguesas, pela polêmica de Uganda, pelos eventos atuais da Rodésia e da África do Sul, estimulou a retomada do estudo dos movimentos nacionais.

A superação do colonialismo externo, por sua vez, desnudou um novo tipo de colonialismo — contra as minorias étnicas e nacionais, que lutam pela sua sobrevivência — que tem sido objeto da reflexão dos especialistas.

Essa ampla problemática — a nova etapa da luta anti-colonial e a questão das minorias raciais — constitui o tema da coletânea, organizada por Theo Santhiago, de dez artigos publicados originalmente entre 1965 e 1975:

— A experiência colonial. *Fernand Claudin;*
— De Bandung a Havana. *Albert-Paul Lentin;*
— Algumas características históricas dos movimentos nacionais no Sudeste Asiático (1900-1945). *Le Than Khoi.*

— A reanimação do passado tradicional nas jovens nações da Ásia e da África. *Jean Chesneaux;*
— Para ler Roger Genoud. *Gerard Delaprez;*
— Sobre as revoluções parciais do Terceiro Mundo. *Roger Genoud;*
— A estratégia de descolonização de Nkrumah: originalidade e classicismo. *Charles Martin;*
— O conceito de nação e as transformações do capitalismo. *Emmanuel Terray;*
— Os judeus da Diáspora, ou a vocação minoritária. *R. Marientras;*
— O movimento negro. *Geneviève Fabre.*

Fernand Claudin mostra em seu artigo como a evolução política da Rússia, a partir da década de vinte, limitou a participação do Komintern na luta pela descolonização da Ásia. Analisa então o papel da ótica europocêntrica dos comunistas ocidentais, a subordinação da descolonização aos interesses da política exterior do Estado Soviético e a transformação em letra morta do direito de auto-determinação, ligado à questão do direito de separação no seio da União Soviética.

Após a Segunda Guerra Mundial a aceleração do processo de libertação dos países coloniais levou à conscientização das semelhanças que os aproximavam. O objetivo do estudo de Albert-Paul Lentin é:

> "... resgatar, através desses diferentes acontecimentos o sentido político de um processo que foi desencadeado pela Ásia, continuado pela África e ao qual a América Latina, finalmente, deu um sentido novo, que se concretizou pelo encontro tricontinental" (p. 37).

Le Thanh Khoi, em sua reflexão, à especificidade histórica do nacionalismo asiático. O autor procura apreender os movimentos nacionais do Sudeste Asiático em seu contexto global — a vinculação ao capitalismo ocidental — e dentro de sua especificidade genética — o mundo oriental transformado pelo colonialismo.

A preocupação de Chesneaux — especialista em História da Ásia — é avaliar o fenômeno da descolonização, "tendo em vista o conjunto de seu passado e não apenas a fração desse passado, durante o qual estiveram sob a dependência efetiva da Europa" (p. 75), pois as recordações do passado longínquo são, atualmente, um elemento importante na elaboração nacionalista dos países do Terceiro Mundo.

A oportunidade da leitura de Roger Genoud, segundo Delaprez, está em função do problema teórico criado pela incompreensão da maneira pela qual o mundo é regido pelo discurso da mercadoria e pela teoria (falsa) do centro e da periferia, que levam a um sutil fascismo. Roger Genoud aponta como o discurso da mercadoria impregnou fortemente os modelos de luta descoloniza-

dora, forjando uma ótica idealista e otimista das possibilidades de auto-determinação nacionais.

A mais interessante abordagem histórica da coletânea é a de Charles Martin, que analisa a política de desenvolvimento e reconstrução nacionais que Kwane Nkrumah desenvolveu em Gana entre 1951-1966. Esse movimento sintetizou-se num plano de acumulação acelerada de capital técnico, dirigido pelo Estado e apoiada por empréstimos e investimentos externos. Embora tenha mantido em Gana as contradições básicas de desigualdade, essa "revolução parcial" criou uma infra-estrutura material irreversível que conduziu o país a novos caminhos históricos.

O conceito de nação é básico para estudar as transformações que caracterizam o panorama histórico contemporâneo. Assim, discute Emmanuel Terray aspectos teóricos fundamentais. O que é nação? Espaço onde se travam as lutas de classe? Ou comunidade superior, sem antagonismos de classe? É válida a afirmação de que toda a ideologia nacional é repetição de um ato fundador mítico: a instauração do estado capitalista?

Marienstras e Fabre analisam o novo aspecto de colonialismo que se enraiza no nacionalismo e que objetiva a homogeneização das características culturais, negando a grupos minoritários sua sobrevivência.

O mérito dessa coletânea, para o historiador, está em que, ao ressaltar aspectos importantes dos nacionalismos contemporâneos, coloca novas questões novas perguntas que permitem reformular a pesquisa sobre o processo de dominação colonial e sobre a luta pela auto-determinação. Dessa forma, a reflexão sobre a teoria centro-periferia recoloca colonialismo e nacionalismo como exercícios de reprodução do sistema e oferece-nos referencial crítico para repensar a História do Terceiro Mundo.

VERA LÚCIA AMARAL FERLINI

* *
*

MACLURE (J. Stuart). — *Educational Documents England and Wales — 1816 to the present day*. 3ª edição 1973. London, Methuen & Co. Ltd.

A Inglaterra é possivelmente um dos países em que melhor se encontra documentado o desenvolvimento de seu sistema educacional, com freqüentes relatórios oficiais e extra-oficiais sobre as condições em que se realiza o ensino, a formação de docentes e sobre os mais variados aspectos da educação formal. Todavia nem sempre é fácil ao estudioso da história da educação, da educação comparada ou para as pessoas interessadas no assunto conseguir compulsar a documentação mais relevante com facilidade. É verdade que periodicamente o governo inglês cuida de reunir esta documentação oficial em volumes (veja-se a propósito os volumes da *Royal Commissions and Departamental Committees*)

mas o seu alto custo e a dificuldade de acesso aos mesmo, principalmente para especialistas que estão em outros países, torna obras como a de Maclure de grande utilidade.

Neste trabalho o autor procurou reunir documentos e extratos de documentos muito importantes para a educação na Inglaterra e em Gales, de 1816 até hoje (1972). Naturalmente dada a amplitude do período e o volume de documentos existentes se fez mister fazer uma seleção. Como o autor expõe na introdução de seu trabalho, não teve qualquer pretensão de fazer uma história da educação, sua intenção foi apenas aglutinar os documentos de modo a torná-los mais acessíveis ao estudante, e, dado que alguns deles eram muito longos, foi obrigado por vezes a fazer a apresentação apenas de partes extraídas do mesmo. Sua seleção restringiu-se aos documentos oficiais e dentre eles procurou escolher aqueles que mais marcaram o desenvolvimento do sistema educacional na Inglaterra e em Gales. Evidentemente, o trabalho tem a marca pessoal do autor, não se restringindo à seleção, aos extratos apresentados e à organização, ela se faz sentir também nas pequenas notas que introduzem documentos ou grupos de documentos. Nestas notas o autor procura situar o leitor em relação aos fatos que deram origem aos documentos e suas implicações e relações com documentos posteriores e anteriores.

São arrolados 55 documentos extratos de documentos, os quais são apresentados obedecendo uma seqüência cronológica. Os mais antigos dizem respeito aos relatórios das comissões parlamentares, de 1816 a 1818, que focalizaram o problema da educação das classes menos privilegiadas. O mais recente data de 1972 e é constituido pelo *James Report* e se refere à educação e treinamento de professores. Como era de se esperar, os documntos fundamentais e que ditaram mudanças educacionais e diretrizes básicas para a educação inglesa neste período estão todos presentes. Este é o caso de: *Revised Code, 1862, Education Act, 1902, Elementary Code, 1904, Regulations Code, 1904, Regulations for Secondary Schools, 1904, Free Places in Secondary Schools, 1907, Supplementary Regulations for Secondary Schools in England, 1907, Education Act, 1918, White Paper on Educational Reconstruction, 1943, Education Act, 1944, White Paper on Technical Education, 1956, White Paper on Industrial Training, 1962,* e *Secondary Organization, 1970*.

Além disso, são apresentados integral ou parcialmente muitos dos relatórios de comissões governamentais encarregadas de estudar aspectos específicos e problemáticos da educação, muitos dos quais foram a base de sustentação para leis e reformas educacionais posteriores. Dentre os mais antigos arrolados aparecem o relatório das comissões parlamentares de 1834, 1838, 1840, 1846 e 1847.

Dos relatórios mais recentes, todos fundamentais estão presentes, podendo-se destacar os seguintes: *The Newson Report (1963), The Robbins Report (1963), The Plowden Report (1967), The Gittins Report (1968), The Daiton Report (1968), The Newson Report (1968)* e *The Donnison Report (1970)*.

Assim embora a obra não constitua, com bem diz o autor, uma história da educação, pela organização dada aos documentos, e pelas notas que os introduzem, ela pode oferecer ao leitor uma perspectiva da documentação que sustentou e mantem o sistema educacional em Gales e na Inglaterra, das premissas básicas e da filosofia que norteou cada mudança. Trata-se de um livro útil a historiadores e a educadores.

GERALDINA PORTO WITTER

* *
*

MONTEIRO (Duglas Teixeira), KOLAKOWSKI (Leszek), IANNI (Octávio), FRY (Peter), VAZ (Pe. Henrique) e MATTA (Roberto da). *Religião e Sociedade*. CER (Centro de Estudos de Religião) e HUCITEC (Ed. Humanismo, Ciência e Tecnologia). (Revista). São Paulo. Maio de 1977.

Religião e Sociedade, revista semestral, que teve o seu primeiro número em maio do corrente, pretende preencher um vazio: tratar a religião como objeto de interesse científico. Em outros termos: pela primeira vez, uma revista sobre religião é editada sem que pertença a um grupo religioso. Abre-se a qualquer contribuição (até mesmo à teológica) em sua intenção de ser, ao mesmo tempo, campo de debates e de concentração de pesquisas.

A atualidade do assunto da revista foi constatada no último Congresso da ANPUH, recentemente levado a efeito em Florianópolis, quando surgiu como um dos temas propostos, embora vencido, para a próxima reunião da organização.

Roberto da Matta escreve "Carnavais, paradas e procissões: reflexos sobre o mundo dos ritos". Põe em andamento a sugestão com que finaliza o trabalho: "Para repensar os ritos, portanto, é necessário primeiro desritualizar" (p. 29). Estuda, principalmente, as paredes e desfiles sem, em nenhum momento, procurar dicotomizá-los, porque o que são eles? Ritos, isto é, combinatórias de elemento e relações sociais encontráveis, também, nos comuns atos cotidianos mas que têm certos aspectos realçados nas manifestações rituais. Esta colocação em *close-up* facilita a leitura das mensagens sociais. Daí o interesse em estudar os rituais desritualizados.

Pioneiros no estudo da classe média na Umbanda (que floresce com a industrialização), Diana Brown e Renato Ortiz apresentam, respectivamente, "Umbanda e classes sociais" e "A morte branca do feiticeiro negro". Mostram o "embraquecimento da cultura negra" (p. 43), a "Umbanda branca", "a integração e a legitimização da religião umbandista na sociedade brasileira de classes" (p. 43) e, principalmente, a sua manipulação ideológica.

De uma pesquisa que vem desenvolvendo sobre descendentes de brasileiros, em Lagos, Nigéria, Manuela Carneiro da Cunha infere algumas hipóteses em

"Religião, comércio e etnicidade: uma interpretação preliminar do catolicismo brasileiro em Lagos, no século XIX". Entre os atuais "descendentes" há elementos que não descendem dos ex-escravos brasileiros — entraram para o grupo pela conversão ao catolicismo. De outro lado, há descendentes reais que se reintegraram aos costumes tradicionais e, assim, perderam a antiga ligação. A religião católica, utilizada como sinal deferenciador, cria, para o grupo em estudo, uma coesão indispensável à defesa de interesses específicos, no caso, possivelmente o econômico — "um modo de o grupo se apropriar de um nicho econômico" (p. 56).

Duglas Teixeira Monteiro, em "A cura por correspondência", trabalha exaustivamente, dentro de limitações que aponta, com "cartas de devotos aos santos e a um santuário" (p. 61), sem esgotar, porém, as possibilidades do material recolhido, que deve ser enriquecido por outras coletas suplementares.

Em trabalho de caráter experimental cujas conclusões são ainda preliminares (com o pedido expresso da autora para que, portanto, não seja citado), Margaret E. Crahan estuda a infiltração protestante, em Cuba, como instrumento da política dos Estados Unidos. Numa conjuntura favorável, os missionários se implantaram e se desenvolveram, enquanto agentes do capitalismo americano. A partir, porém, do momento em que não souberam se adeqüar às transformações ocorridas tiveram o seu desenvolvimento sustado.

Peter Fry dá-nos, em "Mediunidade e sexualidade", uma visão de como e por que, em Belém (e provavelmente em outras cidades do Norte e Nordeste mas não em São Paulo, Rio de Janeiro e Campinas) o homossexualismo liga-se ao terreiro e mais especificamente à figura do pai de santo.

Um panorama geral da evolução do catolicismo em nosso país é traçado por Riolando Azzi. Implantado como religião oficial, logo toma uma feição popular devocional que, a partir do século passado, os adeptos tridentinos tentam, fervorosamente, apagar para ressaltar, apenas, "o aspecto vertical da religião" (p. 149). Hoje, uma nova tendência desponta: é a preocupação com "o aspecto horizontal da religião, ou seja, sua inserção no mundo, na história, na cultura e no ambiente concreto em que viveram" (p. 149).

A estes ensaios segue-se uma seção de debates centrada no trabalho de Lessek Kolakowski "A revanche do sagrado na cultura profana". Texto "claramente estrangeiro" (p. 151), talvez escolhido por essa razão, suscita respostas de Octávio Ianni — "O reino deste mundo"; de Henrique C. de Lima Vaz — "O sagrado e a história"; e de Roberto da Matta — "O sagrado e a sociologia".

Como colaboração aos pesquisadores da área há a inserção de uma bibliografia específica feita por Etienne Samain, em outubro de 1975, da qual foram retirados livros de "caráter teórico e geral" (p. 181). Por que a exclusão no primeiro número de uma revista que pretende chamar a si a colaboração de interessados no assunto, interessados estes que atuem em não importa que campo? Que, assim, poderiam ter à mão dados para outros julgados reduntantes?

Perguntaríamos, também, por que, na capa, estão citados os nomes de apenas seis dos colaboradores? Que juízo prevaleceu na escolha?

MARIA THEREZINHA JANINE RIBEIRO

* *
*

QUEIROZ (Maria Isaura Pereira). — *Os Cangaceiros,* tradução da Autora. São Paulo, Duas Cidades, 1977.

O livro *Os Cangaceiros* de Maria Isaura Pereira de Queiroz foi publicado originalmente em francês, sob o título *Os Cangaceiros, les bandits d'honneur brésiliens* em 1958. A maneira pela qual foi organizada a obra e o estilo claro de sua redação caracterizam as intensões da Autora em sua edição francesa. Trata-se de definir as várias formas de banditismo seja social, de sangue ou, puramente, banditismo — de maneira isolada ou sobrepostos uns aos outros — permitindo ao leitor estrangeiro não só apreender sua análise como também conhecer o material para pesquisas afins. Convém vincular a esta mesma linhagem de pensamento os trabalhos do conhecido historiador inglês Eric J. Hobsbawn, *Primitive Rebels,* publicado originalmente na Inglaterra em 1959. Através deste estudo poderemos obter informações sobre movimentos semelhantes desenvolvidos em outras sociedades cuja organização social poderia ser chamada de "pré-capitalista".

Seguindo a narrativa da Autora podemos observar com que precisão se elabora a civilização do couro e dos reis do cangaço. E, assim, o quadro social se compõe em todos os seus detalhes o que nos permite *supor,* num primeiro momento, estar a Autora descrevendo as histórias "tal como se passaram". Contudo, sua investigação não se confunde com os de uma historiografia *évènementielle*. Sua opção metodológica impede que o leitor embarque nas *memórias* seja de um Antônio Silvino, Lampião ou Corisco. A ruptura teórica se dá na medida em que se intercala depoimentos, por vezes contraditórios, à sua narrativa, para que afinal se permita apreender uma estrutura que está acima de mera descrição do personagem. Para isto utiliza-se de seu instrumental sociológico para procurar por detrás das motivações conscientes e das racionalizações dos indivíduos, as conjunturas sócio-econômicas específicas que lhes abrem e fecham certos caminhos.

Lampião, por exemplo, surge na obra apresentado por Antônio Silvino o qual afirma ser este um "Príncipe", o que significa reunir riqueza, poder e ao mesmo tempo "ter uma boa estrela". A este depoimento Maria Isaura contrapõe a sua origem de filho de fazendeiro que, como a grande maioria, estava envolvido em brigas familiares. Virgulino de 1920 a 1922 esteve vinculado ao bando de Sinhô Pereira, o qual lhe deixa como herança ao abandonar o grupo o dever de liquidar o seu cunhado João Nogueira e o comerciante Luiz Gonzaga. É nesta ocasião que assume a liderança do grupo. Por volta de 1926, Lampião recebeu um apelo do Padre Cícero no sentido de impedir que a massa

popular sertaneja apoiasse os revoltosos da Coluna Prestes. Partindo em busca dos combatentes, encontra um coronel seu amigo que o esclarece a respeito da Coluna Prestes e do documento que assinara! Havia sido enganado e o governo não o reconheceria como capitão e nem lhe daria anistia. Decepcionado, Lampião abandona imediatamente a perseguição à Coluna Prestes.

Em 1930, os governadores da Bahia, Sergipe e Pernambuco decidiram em comum acordo incrementar a perseguição a Lampião. No dia 7 de dezembro de 1932, ele foi atacado no Raso da Catarina fugindo rapidamente. Contudo, a polícia querendo por fim aos assaltos sofridos em fazendas e povoados decidiu atacá-lo. Em 1938, uma nova investida, o cabo João Bezerra do 2º Batalhão de Polícia, prendeu o comerciante Pedro Cândido do qual se suspeitava negociar com Lampião. Torturado, confessou as suas ligações com o rei do cangaço e onde poderia ser este encontrado.

Desta maneira a polícia pode arquitetar seguramente seu plano para a destruição do grupo. Acredita-se que tenham sido envenenados e, depois de mortos decapitados — muito embora Optato Gueiros tenha preferido explicar em seu livro a destruição do bando como uma questão do "destino". Foram onze os cangaceiros mortos: Lampião, Maria Bonita, Luis Pedro, Caixa de Fósforos, Elétrico, Enedina, Mergulhão, Sexta-feira, Diferente, Cajarana e um outro que não tendo sido identificado, foi chamado de "Desconhecido".

As onze cabeças foram arrumadas na escadaria da igreja da matriz, na Praça do Monumento e ali ficaram expostas à curiosidade pública. De lá foram conduzidas para Maceió onde chegaram a 31 de julho e ficaram em exposição no quartel da polícia na Praça da Cadeia. Mais uma vez as cabeças dos mortos viajam para a Santa Casa de Misericórdia, sendo finalmente conduzidas para Salvador onde, mumificadas, passam para o acervo do Museu Nina Rodrigues, do Instituto Antropológico e Etnográfico da Bahia. Se a sociedade não pode aprisioná-los em vida confinou entretanto suas imagens heróicas às vitrines do museu para que o chapéu de couro, o Mosquetão, a Faca, a Cartucheira, os Bornais, o Lenço, a Pistola Parabellum e as cabeças mumificadas dos bandidos não lembrassem ao público que vinha admirá-las aquele tipo de organização social que estava fora do controle dos fazendeiros, da igreja-revestida em seu personagem, Padre Cícero — e da própria repressão armada que incapaz de aprisioná-los vivos tiveram a necessidade de confiná-los depois de mortos a todas as instituições repressoras sem exceção: *escadarias da igreja na Praça, quartel de polícia, Santa Casa com toda sua Misericórdia* e, principalmente no museu para que nenhum destes dados de civilização material pudessem lembrar *a vida* e a *liberdade*. No acervo que levava o nome de um antropólogo defensor da superioridade da raça branca, Nina Rodrigues, *institucionalizava-se* o *discurso "científico"* da *repressão*.

JANICE THEODORO DA SILVA